

RECENSÕES / BOOK REVIEWS

EIDELSZTEIN, Alfredo. *El origen del sujeto en psicoanálisis: del Big Bang del lenguaje y el discurso en la clínica psicoanalítica*. Buenos Aires: Letra Viva, 2018, 124 p.

A origem do sujeito em psicanálise, como fora traduzido em 2020 pela Editora Toro, é um livro corajoso. E isso porque seu autor, Alfredo Eidelsztein, nele reapresenta uma tese, elaborada em 2012 para a revista *El rey está desnudo*, que discute a leitura equivocada que os psicanalistas lacanianos fazem da obra de Lacan, em especial ao se tratar do conceito de sujeito. Além disso, é um trabalho digno de nota por ressaltar a importância de sempre lembrarmos que, ao falarmos de psicanálise lacaniana, conceitos como sujeito, falasser, vir-a-ser, ou outro qualquer, encontram-se circunscritos a um universo linguageiro. Até porque, como dizia Lacan e bem nos lembra Eidelsztein, toda e qualquer coisa do e no universo humano é inscrito no universo da linguagem, num campo específico fora do qual tais coisas não existem.

Pois bem, o autor começa suas elaborações distinguindo as teorias freudiana e lacaniana sobre a origem do sujeito. Para ele, enquanto Freud o teoriza evolutivamente e o nomeia indivíduo, Lacan o conceitua criacionalmente. Essa distinção é assaz importante porque, em Lacan, se trataria de um sujeito criado a partir do nada, *ex nihilo*, ou melhor: o sujeito seria da ordem de algo causado pelos significantes que são, por sua vez, uma efetividade da linguagem que veio do nada. Em contrapartida, em Freud, o indivíduo seria um organismo tridimensional que possui um rastro causal, evolutivo e maturacional. Não obstante, Eidelsztein nos mostra que a leitura que fazem, ou fazemos, de Lacan, tende a esquecer essa distinção e, adjunto a isso, acaba não implicando tanta importância a outra discriminação teórica: a diferença entre o indivíduo euclidianamente tridimensional de Freud e o sujeito topologicamente bidimensional de Lacan. Por conseguinte, diz-nos o psicanalista, o dito sujeito laciano não é equivalente à pessoa histórica ou social, tampouco ao cidadão das leis ou ao animal político ou coletivo; sequer ao analisante, para o qual Lacan teria reservado a denotação *parlêtre*, falasser.

O sujeito, então, seria um algo causado pela linguagem, um efeito dela. O sujeito laciano, lembra-nos Eidelsztein, é causado pela linguagem que adveio do nada. Um

raciocínio próximo, como entendo, da perspectiva agostiniana quando o Bispo de Hipona diz que Deus fazia nada antes da criação. Ou seja, o sujeito é algo que se dá como efeito do Verbo, como efeito da criação. Afinal, no princípio estava o *Lógos*.

Com essa discussão em tela, o autor é preciso em sustentar a criação do sujeito enquanto efeito de um Big Bang da linguagem e do discurso. Ele nos lembra que o Big Bang é a teoria da criação do universo que nos explica o surgimento do cosmos a partir do nada. Após o nada, existiria uma singularidade em que estaria contido todo o universo, infinitamente condensado. É a partir do Big Bang que o espaço-tempo, a matéria e a energia, tais quais conhecemos hoje, são criados. O que acontecia antes do Big Bang? Ou, fazendo justiça a Agostinho: que fazia Deus antes de iniciar a criação? A resposta é a mesma: nada. Qualquer coisa antes da criação, antes do Big Bang, é inobservável. Contudo, mesmo se Deus fazia algo, ou se qualquer coisa existia, entrou na lógica de um esquecido. Um esquecimento cósmico. Então, o que nos propõe Eidelsztein para sustentar sua leitura da completa distinção entre o indivíduo freudiano, biológico e tridimensional, do sujeito laciano, (e)feito de linguagem, é que a partir do Big Bang da linguagem, ou seja, de um universo humano criado a partir do surgimento da linguagem desde o nada, há um esquecimento biológico. Quer dizer, qualquer coisa que existia de animal, biológico, ou coisa que o valha, resta esquecido. Resta não acessível e não efetivo no campo da linguagem.

Certamente uma obra que vale a leitura àqueles que pretendem pensar a ética de uma psicanálise desde o paradigma laciano que, segundo Eidelsztein, foi muitas vezes lido de forma equivocada pelos próprios psicanalistas lacianos. Uma ética clínica que precisa compreender e sustentar que à origem do sujeito se encontra a estrutura significante e o Outro como par necessário e não um corpo biológico. Estrutura significante e Outro que são anteriores e, porque não, causa do corpo biológico. Afinal, vale lembrar: no princípio estava o discurso.

*Allan Martins Mohr*¹

¹ Doutor em filosofia, psicólogo da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e professor de psicologia na FAE – Centro Universitário. E-mail: allan.mohr@gmail.com

VARGAS, Carlos. *Para uma filosofia husserliana da ciência*. São Paulo: Loyola, 2019. (Coleção leituras filosóficas). 126 p.

Há uma relação de convergência, na obra husserliana, entre os problemas especificamente epistemológicos sobre o conhecimento científico e as questões mais amplas da fundamentação do conhecimento em geral. Contudo, a história da filosofia da ciência nem sempre reconheceu a importância do pensamento de Edmund Husserl (1859-1938) para o esclarecimento do conhecimento científico.

Esse livro, *Para uma filosofia husserliana da ciência*, é o resultado de anos de pesquisa do Dr. Carlos Vargas e surpreende os leitores com um resgate histórico do valor da obra de Husserl para a filosofia da ciência. O autor reflete profundamente sobre conceitos importantes relacionados à epistemologia, teoria da ciência e fundacionalismo que situam a concepção husserliana de ciência na história da filosofia.

A obra, publicada na coleção “leituras filosóficas” das Edições Loyola, ainda nos brinda com o prefácio do Dr. Carlos Lobo, membro do *Husserl Circle* e colaborador do Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa (CFCUL), e com o posfácio do Dr. Ericson Falabretti, Decano da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR).

O prefácio da obra nos alerta sobre a importância de desenvolver conceitos fenomenológicos sobre a situação histórica e epistemológica dos tratamentos estatísticos utilizados pelos diversos ramos das ciências. Por sua vez, o posfácio destaca a relevância da reflexão husserliana no exame dos fundamentos do conhecimento científico.

Carlos Vargas, que já havia escrito um livro sobre as *Origens da Fenomenologia* (*Multifoco*, 2018), descrevendo o “desenvolvimento inicial da filosofia husserliana, nos apresenta, desta vez, um filósofo interessado nos problemas da ciência que depois foram retomados na história da lógica, da matemática e da filosofia da ciência no século XX. Ele consegue comprovar que a busca dos fundamentos dos conceitos das ciências foi importante para Edmund Husserl desde o início das suas pesquisas lógicas e matemáticas.

O autor apresenta um debate sobre a filosofia husserliana da ciência, descrevendo suas ideias na perspectiva da história filosófica. A partir dessa perspectiva original, o livro provoca a curiosidade dos leitores, na medida em que apresenta uma nova contribuição para a compreensão da epistemologia contemporânea.

Ao nos convidar “para uma filosofia husserliana da ciência”, essa obra nos desafia, na medida em que propõe uma divisão de tarefas epistemológicas entre filósofos e cientistas, como um projeto para desenvolver uma epistemologia inspirada na análise fenomenológica das condições do conhecimento em geral. Essa revisão das questões levantadas pela filosofia husserliana abre uma grande oportunidade de pensar a ciência a partir do horizonte da fenomenologia.

Dessa forma, Carlos Vargas consegue colaborar no projeto original de Edmund Husserl, filosofando a partir do seu pensamento e refletindo sobre a tensão entre subjetividade e objetividade. Além do interesse fenomenológico, este livro é um subsídio fundamental para as pessoas que buscam o desenvolvimento e o esclarecimento do conhecimento científico em geral.

Irineu Letenski²

² Doutor em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) e professor de filosofia na Faculdade São Basílio Magno (FASBM). E-mail: irineule@gmail.com